

A SEMANA – 92

John Gledson

As eleições para a presidência, o senado e a câmara, eram programadas para a quinta-feira da semana seguinte, 1º de março, como pedia a constituição. A *Gazeta*, logo depois da proclamação, tinha arguido que, embora fosse correto haver eleições para a presidência, o estado de sítio fazia com que fosse inteiramente inapropriado realizar as outras – em boa parte, sem dúvida, por causa da censura, e da impossibilidade de se expressarem as vozes antigovernistas. “Não há eleição, não há escolha, porque não se escolhe onde não se conhece”, dizia no dia 11 de fevereiro. (As presidenciais eram aceitáveis porque todos sabiam que o candidato destinado a vencer, Prudente de Moraes, era antiflorianista.) A competição se reduziria, portanto, a um mero conflito entre nomes, que, com efeito, enchiam os jornais. Sob o costumeiro “não entendo de política”, é evidente que Machado compartilha o ponto de vista da *Gazeta*: a comparação com a ópera (que lembra o cap. IX de *Dom Casmurro*) lhe permite dizer que “o acompanhamento da música [isto é, o barulho do canhoneio, e a própria ditadura] ajuda muito a falta de audiência [isto é, a indiferença do público]”.

A surpresa inteiramente fingida perante o anúncio da sra. Manzoni permite o salto para outra comparação, a das drogas com os programas políticos. O cronista menciona a sua própria predileção para as metáforas, que lhe permitem comentar a realidade sem que isto transpareça demais: “Todas as comparações estão na natureza. A questão é sabê-las achar e compor” – o que por sua vez leva a outra, também meio subversiva, da eleição por meio de uma loteria.

Contudo, como acontece noutras crônicas (p. ex. a de 30 de outubro de 1892), apesar de acreditar que o processo eleitoral está longe do ideal, Machado nunca aconselha abstenção – neste ponto da crônica, abandona as metáforas e a ironia e diz que todos devem votar. Mas também não podia parar nesse ponto, e retira-se de novo, desta vez para sua ilha metafórica preferida, a de Próspero na última peça de Shakespeare, *A tempestade* (já em *Quincas Borba* a loucura de Rubião é comparada à mesma “mascarada sublime”). Alheamento? Pode ser, mas a imagem final, tirada do último ato da peça, permite a comparação mais memorável de todas, a do xadrez

comparada ao mundo abandonado à anarquia, onde “todos comem a todos”. Não era por nada que Machado era “exímio enxadrista”.

Infelizmente, falta a *Gazeta* de 25 de fevereiro de 1894 na coleção da Biblioteca Nacional. Recorremos ao texto da edição Jackson, de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira. Esta crônica não consta da antologia de Mário de Alencar.



A SEMANA

25 de fevereiro de 1894

[Edição, apresentação e notas por John Gledson]

Toda esta semana foi dada à literatura eleitoral. Não digo que se discutisse largamente a matéria, mas escreveram-se muitos nomes, surgiram candidaturas novas e novíssimas, organizaram-se chapas e contrachapas, e, desde a circular até à simples indicação de uma pessoa, feita por *um grupo de eleitores*, por *alguns eleitores firmes* ou simplesmente pelos *eleitores da Gamboa*, quase que se não leu outra coisa. Lembra-me que um amigo meu, há anos, querendo ser eleito, teve a ideia singularíssima de recomendar o seu nome nos *a pedidos* dos jornais (!) com esta assinatura: *A aclamação pública*. Recolheu dois votos, o meu e o dele.

Não entendo de política, limito-me a ouvir as considerações alheias. Uns notam que os elementos são cabais para uma boa eleição, outros que há tal ou qual desorientação na movimentação, pouca responsabilidade política, inclusões, exclusões, transposições; alguns mais ríspidos falam de um tumulto semelhante à confusão das línguas. Não posso dizer até que ponto a segunda observação é verdadeira, nem se o fenômeno é inevitável. Não distingo bem as palavras na multidão de vozes que estamos ouvindo, mas é o que me acontece com quase todos os cantores italianos ou nacionais. Parte da culpa será da articulação imperfeita; mas é preciso convir que o acompanhamento da música ajuda muito a falta de audiência. Eu por mim entendo as óperas mais pelos gestos que pelas palavras. Os coros então são impossíveis.

No meio da grande partitura desta semana, apareceu uma atriz-cantora que aumentou a minha confusão. Atriz-cantora é uma espécie de artista particular ao nosso clima, e não conta vinte anos de existência. Antigamente, havia na companhia João Caetano (dizem) uma D. Margarida Lemos, incumbida de cantar alguma coisa no intervalo dos atos ou entre o drama e a comédia.¹ Era um modo de dar música italiana

¹ João Caetano dos Santos (1808-63), famoso ator e empresário teatral, o fundador do teatro brasileiro independente. D. Margarida Lemos, de fato, era célebre nos anos 1840. Uma nota do *Diário do Rio de Janeiro* de 5 de abril de 1843 informa que, numa noite de grande gala, perante o Imperador e “as augustas princesas”, “a Sra. Margarida Lemos cantará O HINO NACIONAL, depois do qual terá lugar a segunda representação do drama bíblico em 3 atos e 5 quadros: ASSUERO ou A EXALTAÇÃO DE MARDOQUEU. No intervalo do 1º ao 2º ato, D. Carlos Ricco cantará a ária de tenor na ópera *Marino Faliero*, e do 2º ao 3º, a Sra. Margarida Lemos executará uma nova cavatina da ópera *Parisina*, do célebre maestro Donizetti.”

aos frequentadores do teatro dramático. O Martinho (ainda o alcancei) cantava também nos intervalos “uma das suas melhores árias”, mas era só ator.² A atriz-cantora nasceu com a Sra. Rosa Villiot,³ creio, ou com outra, não sei bem. É planta local. Não digo que se não recite e cante a um tempo; seria negar o *vaudeville* e negar o francês, que o inventou; digo, sim, que o título dobrado é que é nosso.

Tudo isto para falar da confusão eleitoral que me trouxe a Sra. Irene Manzoni.⁴ Vi este nome assinando um artigo, com a dupla qualidade de atriz-cantora. Se o visse antes do título do artigo, não se daria o que se deu; mas eu li primeiro o título, era o nome de um senhor que não conheço; imaginei uma candidatura política. A assinatura feminina era nova; mas todas as velharias foram novidades, e o direito eleitoral da mulher é matéria de propaganda, de discussão e até de legislação.⁵ Gostei de ver a novidade da assinatura; eu sou daquela escola que não deixa secar a tinta de uma ideia no livro propagandista, e já a quer ver aplicada. Fui talvez o primeiro que bradou entre nós pela representação das minorias, sem embargo de não termos ainda maioria, – ou por isso mesmo.⁶

Corri ao artigo; era um agradecimento e uma recomendação de não sei que xarope efficacíssimo. Fiz o que fazem todos os espíritos de boa-fé: caí das nuvens. Depois lancei a apóstrofe do estilo: “Mulher perversa, quem te deu o direito de intervir nas preocupações eleitorais por essa forma dúbia, que parece recomendar mais um candidato, e apenas louva uma droga e um droguista? Quem principalmente te ensinou a bulir comigo?” Disse ainda outras palavras fortes e acerbas; mas não pude acabar, porque a reflexão veio logo com o seu passo lento e olhos baixos, e me disse o que vou repetir no parágrafo que se segue.

² Martinho Correia Vasques, “o ator Martinho” (1822-1890), membro do elenco de João Caetano.

³ Rose Villiot, cantora e atriz francesa radicada no Brasil, atuou nas décadas de 1870 e 1880.

⁴ Estes anúncios que fingiam de propaganda eleitoral eram muito comuns, e não excepcionais, como pretende Machado para fins humorísticos. Este, porém, nem mesmo era novidade, nem exclusivo à campanha eleitoral. Frequentemente aparecia na seção de anúncios da *GN*. Com o título **Ilmo. Sr. Honório do Prado** (*sic*: normalmente aparece sem o “do”), e era muito conhecido, ao contrário do que diz o cronista); a carta da sra. Irene Manzoni, atriz-cantora, datada “Rio, 10 de dezembro de 1893”, garante que só com o “xarope de alcatrão e jataí”, que “não deve ser desconhecido da humanidade sofredora”, ela conseguia dormir, por causa dos seus acessos asmáticos. Perdera completamente a voz, e agora, com “7 vidros do vosso abençoado xarope”, ela lhe foi restituída.

⁵ O sufrágio feminino foi muito discutido nas últimas décadas do séc XIX, mas demorou para tornar-se realidade. Em setembro de 1893, pouco antes desta crônica portanto, a Nova Zelândia foi o primeiro “país” (na verdade, era ainda colônia britânica) a outorgar o voto feminino nas mesmas condições que o masculino.

⁶ Uma alusão à falta de organização partidária na República – no Império, com seu sistema parlamentar, sempre havia dois ou mais partidos, um dos quais formava maioria. Machado, sim, arguira pela representação das minorias, numa carta à *Imprensa Acadêmica* de São Paulo, de 31 de julho de 1868, comentando o *Sistema Representativo* de José de Alencar: “[Alencar] adotou, com uma solução nova, a ideia da representação das minorias, ideia fecundíssima e necessária à legítima expressão da vontade pública” (Jean-Michel Massa, *Dispersos de Machado de Assis*, p. 251). Isso, é bom dizer, na esteira do famoso “estelionato”, a volta dos conservadores ao poder, com Itaboraí, quando Machado, liberal, bem queria ser representado (e não perder o emprego recém-conseguido).

Pode ser que o droguista seja realmente um candidato e a droga um programa. Tem-se discutido se pode haver agora programas políticos, e as opiniões dividem-se, sendo uns pela afirmativa, outros pela negativa. Talvez a droga seja veículo de ideias. Suponhamos que é adstringente; significará os planos radicais da pessoa. A droga emoliente corresponderá ao temperamento moderado das opiniões. Assim a farmácia terá um préstimo político, e a Sra. Irene Manzoni imitará, de longe, a Menenius Agrippa. Quando o povo romano quis castigar o senado para comprar mais barato o trigo, sabe-se que foi aquele cidadão, com o apólogo do estômago e dos membros do corpo, que salvou a paz pública.⁷ A fisiologia serviu assim de arma à política; por que não servirá a farmácia? a cirurgia? a medicina? Todas as comparações estão na natureza. A questão é sabê-las achar e compor.

Quem, por exemplo, comparar a eleição e a loteria terá achado uma ideia, posto que óbvia, interessante. O cotejo da roda que anda com a urna que fala é o mais justo possível, dada a diferença única, talvez, que no caso da urna eleitoral sempre se há de saber quem tirou a sorte grande. Publica-se o nome, a pessoa aparece, é aclamada, louvada, pode ser que descomposta, uma vez que as opiniões são livres. Sendo assim, é na quarta-feira⁸ que anda a roda. Não conheço o plano desta loteria; não sei se há terminações premiadas, nem se se tira o mesmo dinheiro. Provavelmente os bilhetes brancos serão muitos. É o que faz da eleição e da loteria uma espécie de evangelho, onde também os chamados são muitos e os escolhidos poucos.

Mas fora comparações! Venhamos à ideia direta e única. Trata-se de teu dia, povo soberano, rei sem coroa nem herdeiro, porque és continuamente rei, é o dia em que tens de escolher os teus ministros, a quem confias, não o princípio soberano, que esse fica sempre em ti, mas o exercício do teu poder. Vais dar o que, por outras palavras, se chama *veredictum* da opinião ou sentença das urnas.

Certo, o teu reino não é como a ilha de Próspero;⁹ não tens a força de criar tempestades, por mais que te arguam delas. Serás o mar, quando muito; o vento é outro. Mais depressa seria eu o Próspero do poeta; não qual este o criou, acabando por tornar

⁷ Este apólogo ou fábula tem múltiplas encarnações na literatura mundial, inclusive em Esopo, no Novo Testamento e La Fontaine. Aparece na boca de Menenius Agrippa, cônsul romano no séc. V a.C., em várias ocasiões, na *História de Roma* de Tito Lívio (II, 32), e na *Vida de Coriolano* de Plutarco, ambos autores bem conhecidos de Machado. A fonte imediata, porém, parece ser o *Coriolanus* de Shakespeare (ato 1, cena 1), baseado em Plutarco, porque ali a briga entre o povo e o senado focaliza-se, justamente, no preço do pão, o que não acontece nas fontes clássicas.

⁸ Será erro de Machado? Dado que se refere à eleição (e não à loteria), devia referir-se à quinta-feira (1º de março).

⁹ Este último parágrafo está todo baseado n' *A tempestade*, de Shakespeare. As palavras citadas aparecem no primeiro ato, quando encontramos pela primeira vez o mágico e ex-duque de Milão, Próspero, e seus dois escravos, o espírito Ariel e o monstro Caliban. Machado juntou trechos esparsos: "Come, thou tortoise!, when?" (linha 316), e "Thou poisonous slave, got by the devil himself / Upon they wicked dam, come forth!" (linhas 319-20). As palavras ditas a Ariel – a que ele se refere como um dos seus "ministros" – não correspondem a nenhum trecho exato, embora ele seja frequentemente referido como "spirit"; exprimem antes a relação entre o mágico e o seu servo fiel, que ele libera no fim da peça. No último ato, Próspero descobre a sua filha Miranda jogando xadrez com seu pretendente, Ferdinand.

ao seu ducado de Milão e mandando embora os ministros das suas mágicas. Eu ficaria na ilha, com os bailados e mascaradas. Quando muito, diria à velha política: “Vai, Caliban, tartaruga, venenoso escravo!” E a Ariel: “Tu ficas, meu querido espírito.” E não sairia mais da ilha, nem por Milão, nem pelas milanesas. Comporia algumas peças novas; diria à bela Miranda que jogasse comigo o xadrez, um jogo delicioso, por Deus! imagem da anarquia, onde a rainha come o peão, o peão come o bispo, o bispo come o cavalo, o cavalo come a rainha, e todos comem a todos. Graciosa anarquia, tudo isso sem rodas que andem, nem urnas que falem!

